

## **DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS: ENTRE COREOGRAFIAS A CONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE**

Priscila Fontes Gularte (Acadêmica curso Educação Física – FURG); Leila Cristiane Pinto Finoqueto (Profa. Dra. curso Educação Física – FURG)

*UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE*  
priscila.fontesg@gmail.com

### **PRODUÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS**

**Resumo:** O Projeto "Danças Populares Brasileiras" desenvolvido desde 2015, configura-se numa atividade extensionista dedicada à vivência do Carimbó, Maracatu, Samba de Roda, Frevo, Forró tematizadas pelas contribuições culturais das diferentes etnias que compuseram o povo brasileiro. Intencionamos com este trabalho analisar a trajetória do projeto mediante as experiências/vivências das/os participantes do projeto. Diante da trajetória das coreografias produzidas foi possível problematizar os silenciamentos/preconceitos em relação às contribuições dos povos de matriz africana, buscando, coletivamente, entendimentos acerca da racionalidade que constrói as não condições de alteridade.

**Palavras-chave:** Danças Populares Brasileiras, Educação Física, Alteridade, Cultura.

#### **Situando o Projeto**

Este presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no projeto de extensão "Danças Populares Brasileiras", desenvolvido no curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande. O projeto de extensão "Danças Populares Brasileiras" foi criado em setembro de 2015, mas sua "gênese" é anterior quando, a partir de uma incursão investigativa, que se voltou às danças brasileiras, inspirada na obra „O povo brasileiro“ de Darcy Ribeiro, utilizou-se o documentário, baseado na obra homônima, como um recurso didático para a construção de coreografias que explorassem as matrizes étnicas que miscigenaram o Brasil. Essa experiência, ocorrida em 2012, elaborada na disciplina de Danças do curso de Educação Física, foi o primeiro movimento de aproximação com as danças que compõem o repertório de folgedos, tradições, culturas passadas de geração a geração, muitas vezes, pela oralidade e/ou pelo compartilhamento de comunidades empenhadas em perpetuar suas tradições. De acordo com Monteiro (2011) o alcance cultural que as danças populares possuem se sobrepõem à dança enquanto “belas-artes” pela sua capacidade de penetração na vida cultural e cita como exemplos as escolas de samba, afoxés, maracatu e bumba-meu-boi.

Assim, o projeto Danças Populares Brasileiras foi construído partindo da necessidade de pesquisa e escolhas metodológicas para o seu desenvolvimento, pois estava implicado no mesmo uma profunda reflexão acerca das danças elaboradas e vividas na cultura brasileira, mas que não

necessariamente ascendem a um patamar artístico. Servimo-nos de Monteiro (2011), a qual investiga a dança enquanto espetáculo de palco e o da dança popular, analisando-os como dois mundos distintos cercado de polaridades que posicionam, segregam, excluem, atribuindo tempos, espaços e prestígios. Essa distinção tem suas marcas históricas quando se reveste em combate e perseguição. “Do lado da cultura popular, estará muitas vezes o que precisa se combatido, ou cristianizado: as práticas heréticas ou pagãs” (Monteiro, 2011, p.31).

A partir desses entendimentos propôs-se a criação do projeto de extensão que tem como principal objetivo propiciar a vivência de danças oriundas de diferentes regiões brasileiras e que carregam em si contextos, personagens e a historicidade da constituição do povo brasileiro. Nesse sentido, consolidou-se o grupo, criado com o propósito de desenvolver danças que pertencentes ao repertório nacional e que propiciassem uma imersão na cultura das diferentes regiões brasileiras. Para tanto, além das danças, que requerem o compromisso com as construções coreográficas, fez-se necessário explorar o contexto cultural de onde emergem essas expressões artísticas reconhecendo, desse modo, muito mais as aproximações na constituição das identidades dos/as brasileiros/as do que afastamentos. As danças que constituem nossas identidades, muitas vezes, esquecidas ao longo do tempo, faz referência a histórias, a contextos, atores que fazem de seu cotidiano uma festa (CORTÊS, 2000, p.14).

O rol de danças selecionadas para dar início às aulas previa: samba, coco, umbigada, maracatu, frevo, samba de roda. No momento que apresentamos a proposta a um grupo de mulheres que se inscreveram no projeto fomos interrogadas sobre a natureza das danças e sua forte relação com danças africanas de cunho religioso. Das doze mulheres que se inscreveram apenas uma permaneceu nas aulas, as demais desistiram, pois não queriam participar de danças de cunho religioso ou como foi manifestado por algumas “de batuque”.

Essa situação potencializou as práticas pedagógicas que se desenvolveram ao longo do projeto, uma vez que, além de propor uma imersão em danças desconhecidas pela maioria das participantes, estávamos propondo o diálogo com as contribuições da matriz africana no que concerne à dança, pois são atravessamentos/contribuições imanentes ao dançar do povo brasileiro. O posicionamento e o enfrentamento tornaram-se inevitáveis, uma vez que se fez necessário problematizar por que ainda não reconhecemos as contribuições do povo africano como cultura?

Assim, este trabalho tem por objetivo central analisar a trajetória do projeto mediante as experiências/vivências das/os participantes do projeto.

## O caminho percorrido até o momento

O projeto Danças Populares Brasileiras vem sendo desenvolvido desde 2015 e, atualmente, é ofertado no curso de Educação Física na Universidade, tendo a participação de 24 pessoas. Concomitante, no ano de 2016, o Projeto foi desenvolvido em Unidade Básica de Saúde do município do Rio Grande/RS, atendendo 16 mulheres. O projeto, conta com a participação de homens e mulheres, entre 20 e 70 anos, alguns com restrições motoras e para seu desenvolvimento, a prática educativa sempre esteve pautada na capacidade do grupo e nas suas potencialidades, pois as/os participantes que permaneceram demonstraram interesse, persistência, comprometimento e superação.

Dentre as danças populares brasileiras, foram vivenciadas: Carimbó, Forró, Frevo, Samba, Maracatu e Samba de Roda. Ao final de cada modalidade de dança, foram elaboradas coreografias tendo como horizonte a participação em eventos artístico-culturais.

As danças vivenciadas propõem uma imersão em diferentes contextos culturais. O "Carimbó", dança que abriu nossos trabalhos, foi apresentada, de acordo com a literatura pesquisada, como uma dança típica da região Norte do Brasil, dançado em roda, sendo a mistura da criatividade dos índios com os compassos/ritmos dos escravos, possuindo vestimentas bem coloridas e adereços bem expressivos (CORTÊS 2000).

Sobre Frevo, por sua vez, baseamo-nos nas palavras de Suassuna (2015) o qual relata

sua origem nos capoeiras que vinham à frente das bandas, exibindo-se e praticando a capoeira, com o objetivo de intimar seus grupos rivais. Surgiu das marchas carnavalescas pernambucanas e dos frutos da evolução das polcas, maxixes e quadrilhas, ganhando novas formas de combinações de passos, acompanhado por músicas animadas e envolventes (Suassuna, 2015).

O Maracatu, conhecido como cortejo de negros, era utilizado para acalmar os escravos e manter a ordem. Indumentária rica em adornos, tecidos brilhantes, espelhos e bijuterias para lembrar-se da riqueza deixada na África. O Samba de Roda, originária dos escravos, estende-se por toda a Bahia, é uma dança com muitos giros, dançado com muito requebrado e alegria. E, por último, Puxada de Rede, uma dança originária da Bahia surgiu após o período da escravidão, quando os negros não acharam oportunidades de se encaixar no mercado de trabalho e procuravam seu sustento no mar. E assim, uma parte desses negros se deslocou para as entranhas dos mangues, na região de Santo Amaro (CORTÊS, 2000, p.90)

A cultura popular não se resume em um conjunto coerente e homogêneo de atividades. As manifestações da cultura popular se modificam junto com as mudanças da sociedade em que estão

inseridas. É parte fundamental dos diversos modos de pensar, sentir, agir de um povo presentes em seu contexto sociocultural historicamente construído (CORTÊS, 2000). Assim, nesse sentido, após diferentes vivências/experiências buscou-se com este trabalho problematizar as implicações dessa prática pedagógica focada nas apresentações artístico-culturais a partir dos aprendizados conceituais acerca da cultura popular brasileira, fortemente marcada/matizada pela matriz africana.

### **Algumas breves análises**

Ainda no ano de 2015, observou-se resistência das primeiras participantes as quais reconheceram em algumas danças a forte presença da religiosidade de matriz africana, configurando-se, para algumas participantes, motivo para desistência da prática. A partir dessa forte negativa foi que intensificamos o referencial teórico que subsidiaria nossas problematizações. Essa intensificação se deu nos encontros que dedicávamos para compartilhar com as/os participantes as pesquisas sobre as danças, enfatizando as contribuições das diferentes etnias na constituição do povo brasileiro e aos silenciamentos referentes às contribuições africanas. As racionalidades presentes na modernidade, baseada em condições coloniais, com fundamento na negação da liberdade, da autonomia (Bhabha, 1998).

No que concerne à alteridade reconhecemos como um processo em permanente construção no interior do grupo. Os discursos que permeiam nossas práticas pedagógicas apresentam com horizonte a presença das diferenças, dos direitos, da pluralidade humana, da igualdade de direitos. No plano da subjetividade, o grupo heterogêneo em sua constituição, estabeleceu, em nosso entendimento, laços afetivos bastante consolidados, os quais evidenciamos e lançamos questionamentos acerca dos silenciamentos das vozes das mulheres, dos negros, dos estrangeiros, dos homossexuais, como nos diz Bhabha (1998), dos diaspóricos.

### **Referências**

- CORTÊS, Gustavo Pereira. Dança, Brasil!: Festas e danças populares. Belo Horizonte/MG: Leitura, 2000.
- MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. Dança popular: espetáculo e devoção. São Paulo/SP: Terceiro Nome, 2011.
- SUASSUNA, Ariano. Frevo Patrimônio Imaterial da Humanidade. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=0YoeHJ805iU>>. Acesso: em 04 de set, 2015
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte/MG, 1998.